

# WILFRID SELLARS

*Texto de Jay Rosenberg, tradução de Eduardo Coutinho Lourenço de Lima e revisão do Prof. Paulo Margutti. O texto original se encontra no verbete "Sellars, Wilfrid" da Stanford Encyclopedia of Philosophy (<http://plato.stanford.edu/entries/sellars/>)*

Wilfrid Stalker Sellars (n. 1912, m. 1989) foi um pensador sintético e profundamente criativo, cuja obra, tanto como um filósofo sistemático quanto um editor influente, ajudou a estabelecer e moldar a agenda filosófica anglo-americana por mais de quatro décadas. Talvez Sellars seja mais conhecido pelo seu clássico ensaio de 1956, "Empirismo e a Filosofia da Mente", uma crítica abrangente e sofisticada do "mito do dado", que teve um grande papel na desconstrução do cartesianismo no pós-guerra, mas seu corpus publicado de três livros e mais de cem ensaios inclui numerosas contribuições originais para a ontologia, epistemologia e filosofias da ciência, linguagem e mente, bem como sensíveis estudos históricos e exegeticos.

## ÍNDICE

1. VIDA E CARREIRA DE SELLARS .....	1
2. METAFILOSOFIA DE SELLARS .....	2
3. FILOSOFIA DA CIÊNCIA E EPISTEMOLOGIA DE SELLARS .....	2
4. A FILOSOFIA DA LINGUAGEM E DA MENTE DE SELLARS .....	4
5. UMA OBSERVAÇÃO FINAL.....	10
6. BIBLIOGRAFIA.....	10

### 1. VIDA E CARREIRA DE SELLARS

- 1912 nascido em 20 de maio em Ann Arbor, MI
- 1933 recebe AB na University of Michigan
- 1934 recebe AM na University of Buffalo, NY, entra no Oriel College, Oxford, como um Rhodes Scholar
- 1936 recebe BA com Honra de Primeira Classe em Filosofia, Política e Economia (MA 1940)
- 1938 torna-se professor assistente de filosofia, University of Iowa
- 1943 entra na reserva da marinha dos U.S., designado para a Inteligência de Combate Aéreo
- 1946 torna-se professor assistente de filosofia, University of Minnesota
- 1950 funda *Philosophical Studies* com Herbert Feigl, o primeiro fórum acadêmico (*scholarly*) criado explicitamente para o novo híbrido "filosofia analítica"
- 1951 torna-se professor de filosofia, University of Minnesota
- 1956 atua como conferencista Especial em Filosofia na University of London, publicado como "Empiricism and the Philosophy of Mind"
- 1958 muda para a Yale University, CN, a princípio como visitante, subseqüentemente como professor de filosofia
- 1963 assume a posição de professor universitário de filosofia e professor pesquisador de filosofia na University of Pittsburgh, PA, publica *Ciência, Percepção e Realidade*
- 1965 ministra conferências "John Locke" em 1965-66 na Oxford University, subseqüentemente publicadas como *Ciência e Metafísica*
- 1970 atua como presidente da Divisão Leste da Associação Americana de Filosofia

- 1971 ministra as palestras na Matchette Foundation, University of Texas, subseqüentemente publicadas como “A Estrutura do Conhecimento”
- 1973 ministra as conferências “John Dewey” em 1973-74, University of Chicago, IL, subseqüentemente publicadas como *Naturalismo e Ontologia*
- 1977 ministra as conferências “Paul Carus” em 1977-78 nos encontros da Divisão Leste da Associação Americana de Filosofia, posteriormente publicadas como “Fundamentações de uma Metafísica do Processo Puro”
- 1987 Colóquio de Filosofia Sellarsiana na University of Pittsburgh em honra ao 75º aniversário de Sellars
- 1989 falece em casa na cidade de Pittsburgh, PA, em 2 de Julho

## 2. METAFILOSOFIA DE SELLARS

Embora Wilfrid Sellars seja mais conhecido por seu ensaio inovador “Empirismo e a Filosofia da Mente” [EPM] e sua crítica ao que neste chamou de “o mito do dado”, ele foi de fato um filósofo sistemático por excelência. “O objetivo da filosofia”, escreve, “é entender como as coisas, no sentido mais amplo possível do termo, se constituem no sentido mais amplo possível do termo” [PSIM, 37]. Esta imagem do filósofo como um *generalista pensativo* ocorre freqüentemente nas reflexões metafilosóficas de Sellars. Sua consideração mais explícita da tarefa central que confronta a filosofia contemporânea alinha-a firmemente com o projeto modernista de alcançar uma *reaproximação* entre nosso entendimento humanístico de nós mesmos como agentes racionais e livres, em casa entre sentidos e valores, e a imagem completamente “desencantada” do mundo sendo pintada por uma ciência natural cada vez mais abrangente. Sellars tematizou este contraste como um confronto de duas “imagens”: a “*imagem manifesta*” cujos objetos primários são *pessoas*, entes que podem conceber e se concebem a si mesmos como percipientes sensíveis, conhecedores cognitivos e agentes deliberativos; e a “*imagem científica*”, cujas entidades primárias são uma versão algo sofisticada de “átomos no vazio”. “A imagem científica”, escreve Sellars, “apresenta-se como uma imagem *rival*. De seu ponto de vista, a imagem manifesta sobre a qual ela [metodologicamente] repousa é uma semelhança ‘inadequada’ mas útil pragmaticamente de uma realidade que primeiramente encontra sua semelhança adequada (em princípio) na imagem científica” [PSIM, 57]. Como Sellars observou, a meta da filosofia era transformar essa tensão entre nossa auto-compreensão vivida e nosso entendimento explicativo do mundo duramente conseguido em uma única imagem “estereoscópica”, uma visão *sinóptica* de pessoas-no-mundo. Muito de sua obra filosófica é dedicada a três momentos centrais desse empreendimento complexo: acomodar os *conteúdos intencionais* do pensamento e da linguagem, os *conteúdos sensórios* da percepção e da imaginação e a dimensão *normativa* do conhecimento e da conduta dentro de uma tal imagem estereoscópica – ao mesmo tempo mantendo resolutamente um realismo científico robusto, pois “na dimensão da descrição e da explicação do mundo, ciência é a medida de todas as coisas, do que é o que é, e do que não é o que não é” [EPM, 173]

## 3. FILOSOFIA DA CIÊNCIA E EPISTEMOLOGIA DE SELLARS

A interpretação de Sellars da epistemologia da ciência natural afastou-se decisivamente da opinião recebida, de acordo com a qual explicação foi identificada com derivação – questões singulares de fato empírico (*singular matters of empirical fact*) sendo explicadas por derivação

de suas descrições a partir (“indutivamente” estabelecidas) de generalizações empíricas (junto de declarações apropriadas de condições iniciais), e essas “leis empíricas”, por sua vez, sendo explicadas por derivação delas a partir de postulados teóricos e regras de correspondência. Nessa visão positivista recebida, teorias (p. ex., microteorias) explicam questões de fato empíricas (*empirical matters of fact*) apenas indiretamente, através da implicação de generalizações enquadradas (*framed*) numa linguagem-de-observação que as explica diretamente. Conseqüentemente, como Hempel observou em “O Dilema do Teórico”, tais teorias, embora possam ser ajudas convenientes para cálculo e representação compacta, são em princípio completamente dispensáveis.

Sellars considerou esse “modelo de bolo-folheado” ou “imagem de níveis” de teorias como fundamentalmente mal orientado. Argumentou que não há estratos autônomos de correlativos empíricos a leis teóricas. As generalizações empíricas correspondentes a leis teóricas tornam-se salientes apenas de uma perspectiva teórica. Generalizações alcançadas autonomamente no nível de observação, embora confiáveis, não são leis da natureza, e conseqüentemente teorias não podem ter como tarefa explicar tais generalizações de nível inferior através da derivação deles. Antes, “teorias explicam leis ao explicarem por que os objetos do domínio em questão obedecem às leis que obedecem na extensão em que obedecem” (LT, 123).

*[Ou seja,] explicam por que objetos individuais de vários tipos e em várias circunstâncias no quadro de observação comportam-se dessas maneiras, nas quais foi indutivamente estabelecido que se comportam. Grosso modo, é por um gás ser... uma nuvem de moléculas que estão se comportando de certas maneiras teoricamente definidas que ele obedece à lei empírica de Boyle-Charles (LT, 121).*

Na opinião de Sellars, relatos que postulam “entidades teóricas” não são meramente substitutos manuseáveis de segunda-classe de relatos mais complicados e desajeitados sobre entidades sobre as quais temos razões boas, i. e., observáveis, para acreditar que de fato existem. Entidades teóricas são, antes, aquelas entidades que autorizadamente acreditamos existir por razões boas e suficientemente *teóricas*. Entendidas dessa forma, teorias científicas “salvam as aparências” de forma explicativa precisamente por caracterizarem a realidade da qual as aparências são aparências.

Assim como Quine, Sellars foi profundamente influenciado pela obra de Rudolf Carnap. A sofisticada consideração de Sellars da natureza e importância do raciocínio teórico na ciência natural, entretanto, capacitou-o a desenvolver uma *alternativa* sistemática naturalística à crítica influente de Quine ao *empirismo lógico* carnapiano. Em particular, o contraste epistemológico entre dois tipos de generalizações empíricas – aqueles adotados em bases estritamente indutivas e aqueles que expressam princípios constitutivos de teorias postulantes adotados em bases amplamente empíricas, i.e., bases explicativas –capitou Sellars a distinguir entre três diferentes graus de “envolvimento observacional”: observações e asserções gerais individualmente validadas “indutivamente” por meio de apelos *diretos* a um suporte observacional, os pressupostos constitutivos de teorias postulantes holisticamente validadas por meio de apelos *indiretos, explicativos*, a um suporte observacional, e asserções puramente formais que expressam condições necessárias para a formulação de hipóteses científicas em geral. Conseqüentemente, onde Quine rejeitou a clássica dicotomia analítico-sintético kantiana instantaneamente, Sellars argumentou que haveria duas distinções completamente diferentes entrelaçadas na simples dicotomia que Carnap herdou da tradição kantiana: a distinção

(analítico<sub>2</sub>-sintético<sub>2</sub>) entre asserções lógicas e empíricas (questões-de-fato), e a distinção fixados (analítico<sub>1</sub>-sintético<sub>1</sub>) entre asserções cuja revisão requer o abandono ou modificação do sistema de conceitos (teoréticos), em cujos termos elas são enquadradas e asserções revisáveis com base em observações formuladas em termos de um sistema de conceitos (teoréticos) que permanecem inteiramente. Como Quine, então, Sellars se distanciou decisivamente do racionalismo kantiano, mas em direção a um empirismo *kantiano* que preservou um espaço lógico para uma teoria da significação semântica e as distinções correlativas entre verdades fatuais individuais e verdades que, embora pertencentes a sistemas teoréticos eles próprios adotados sobre fundamentos amplamente empíricos (sintético<sub>2</sub>), fossem, relativamente a tal sistema, verdadeiras *ex vi terminorum* (analítico<sub>1</sub>):

#### RACIONALISMO KANTIANO

<i>Fundamentado na experiência</i> (‘a posteriori’, indução simples)	<i>Não tão fundamentado</i> (‘a priori’)	
Sintético	Analítico	
Leis empíricas (regularidades)	Aritmética, Geometria, Mecânica (‘sintético a priori’)	Lógica
“Nossa estrutura conceitual” (princípios inatos)		

#### EMPIRISMO KANTIANO

<i>Fundamentado na experiência (Empírico)</i>	<i>Não tão fundamentado</i>	
Sintético <sub>2</sub>	Analítico <sub>2</sub> (L-verdadeiro)	
Sintético <sub>1</sub>	Postulação	Analítico <sub>1</sub>
Observação, Simples Indução, (Geometria Operacional, Mecânica)	(Geometria física, teorias científicas idealizantes, mecânica, micro- física)	Lógica, aritmética, análise matemática (Geometria pura enquanto cálculo)
“Nossa quadro conceitual”		
	Categorias materiais (empíricas)	Categorias formais (ontológicas)

#### 4. A FILOSOFIA DA LINGUAGEM E DA MENTE DE SELLARS

Essencial ao naturalismo extremo de Sellars é uma explicação da significação semântica que não exija recurso a expressões irreduzivelmente platonísticas ou mentalísticas.

Conseqüentemente Sellars situa resolutamente a ordem conceitual normativa dentro da ordem causal e desenvolve uma interpretação naturalística dos modos de causalidade exercidos por regras linguísticas centradas na noção de comportamento governado-por-padrão (*pattern-governed behavior*), i.e.:

*comportamento que exhibe um padrão, não porque é realizado pela intenção de que exiba esse padrão, mas porque a propensão a manifestar um comportamento do padrão foi reforçada seletivamente e a propensão a manifestar um comportamento que não se conforma a esse padrão, seletivamente extinta.* (MFC, 423)

Um comportamento governado-por-padrão característico de uma espécie – p.ex. a dança das abelhas – pode surgir a partir de processos de seleção natural em uma escala de tempo evolucionária, mas, crucialmente, um comportamento governado-por-padrão também pode ser desenvolvido em “treinandos” individuais por um reforço seletivo deliberado da parte de outros indivíduos, os treinadores, agindo sob orientação de *regras de criticismo* lingüísticas. Em contraste com *regras de ação* lingüísticas – (p. ex., “Ceteris paribus, deve-se (ou se pode) dizer tal e tal coisa, nas circunstâncias C”, que podem ser eficazes ao orientar a atividade lingüística somente na medida em que seus sujeitos já possuam os conceitos de “dizer tal e tal coisa”, “estar nas circunstâncias C”, e de fato estejam obedecendo a uma regra (i.e., fazendo algo porque é imposto ou permitido por uma regra) –, regras de criticismo são regras de dever-ser – p. ex. “Os sinos do relógio de Westminster devem tocar em um quarto de hora” (LTC, 95) – cujos sujeitos, embora seus desempenhos possam ser avaliados de acordo com tais regras, eles próprios não precisam de ter o conceito de uma regra nem, certamente, qualquer outro conceito. Assim um treinador pode ser interpretado como raciocinando da seguinte forma:

*Um comportamento-padrão de tal e tal tipo deve ser exibido por treinandos, então nós, os treinadores, devemos fazer isto e aquilo, como provavelmente capaz de fazer com que ele seja exibido* (MFC, 423).

E, em conseqüência das condutas dos treinadores sob orientação de tais regras de ação, o comportamento de um aprendiz da linguagem pode vir a *se conformar* com as regras relevantes de criticismo, sem que ele próprio as assimile em qualquer outro sentido. “Treinantes se conformam a regras de dever-ser porque os treinadores obedecem regras de dever-fazer correspondentes” (MFC, 423).

Contra tal pano de fundo, então, Sellars desenvolve uma explicação do significado como *classificação funcional* de acordo com a qual expressões semânticas primeiramente marcam contextos dentro dos quais “objetos lingüístico-naturais” estruturalmente distintos (p. ex., enunciações ou inscrições) são classificados em termos de seus papéis ou funções nas *transições de entrada da linguagem* (respostas lingüísticas a estímulos perceptivos), *transições de saída da linguagem* (antecedentes lingüístico-causais da conduta não-lingüística), e *movimentos intralingüísticos* (transições inferenciais de um representar lingüístico a outro). Em particular, “significa” é interpretado como uma forma especializada de cópula, forjada para contextos metalingüísticos, de acordo com a qual o lado direito da forma superficialmente relacional “\_\_\_ significa ...” é propriamente entendido como mencionando ou exibindo um item lingüístico.

Na visão de Sellars, tais cópulas especiais e indicadores metalingüísticos inicialmente surgem em resposta à necessidade de abstrair de nossos esquemas domésticos de signos, a fim de classificar itens de diferentes linguagens tomando por base tais critérios funcionais. Nesse projeto, a citação costumeira está sujeita a uma ambigüidade sistemática com respeito aos critérios – estruturais (p. ex., geométricos, acústicos) ou funcionais – de acordo com os quais as instâncias (*tokens*) lingüísticas são classificáveis como pertencentes a este ou aquele tipo lingüístico. Em conformidade com isso, Sellars introduziu um dispositivo mais direto de dois estilos separados de sinais de citação, asteriscos e pontos, ligados respectivamente aos modos estrutural e funcional de ordenar e individualizar itens lexicais. Ambos asteriscos e pontos são dispositivos ilustrativos, e portanto indexicais; porém, pontos o são duplamente, em certo sentido. Pois, enquanto asteriscos formam um nome comum que é verdadeiro de inscrições (estruturas empíricas) apropriadamente projetadas para serem isomórficas com respeito à instância exibida entre eles, pontos formam um nome comum verdadeiro de itens em qualquer

linguagem que façam o papel ou façam a tarefa desempenhada na nossa linguagem pelas instâncias exibidas entre eles. Em termos desse aparato de notação, então, asserções semânticas tais como, por exemplo,

(1s) (Em alemão) ‘rot’ significa vermelho

(2s) (Em alemão) ‘Schnee ist weiss’ significa a neve é branca.

podem ser mais claramente expressas por

(1\*) (Na comunidade lingüística alemã) \*rot\*s são .vermelho.s.

(2\*) (Na comunidade lingüística alemã) \*Schnee ist weiss\*s são .neve é branca.s.

Uma vez que uma tal distinção entre classificação funcional e estrutural de itens lingüísticos representantes está à mão, é uma questão evidente estendê-la também para uma explicação de representações mentais, i. e., *pensamentos*. Diferentemente de Quine, Sellars nunca abandonou a noção clássica de pensamentos como *episódios internos* intencionais que têm um papel explicativo-causal frente a um comportamento público, paradigmaticamente lingüístico. Consistente com seu completo naturalismo, porém, correlativo ao seu “nominalismo lingüístico” ontológico, Sellars adotou uma forma de “nominalismo psicológico”, cujo *leitmotif* foi

*...a negação da asserção, característica da tradição realista, de que uma “percepção” ou “consciência” de entidades abstratas seja o principal ingrediente mental de atos mentais e disposições (EAE, 445)*

Ao invés disso, Sellars argumentou que a explicação apropriada da intencionalidade distintiva do pensamento também deve ser delineada em termos de formas e funções de itens lingüísticos naturais. A tese positiva correlativa ao nominalismo psicológico, conseqüentemente, é modelada por aquilo que Sellars veio a chamar de “behaviorismo verbal”.

*De acordo com o BV [behaviorismo verbal], pensar ‘que-p` - em que isto significa `ocorrer a alguém ter o pensamento de que-p’ - tem como sentindo primário [um evento de] dizer ‘p’; e um sentido secundário, no qual ele se refere a uma propensão imediata [disposicional] a curto prazo de dizer ‘p’. (MFC, 419)*

As origens das formas maduras do behaviorismo verbal de Sellars jazem nas teses revolucionárias de seu ensaio clássico “Empirismo e a Filosofia da Mente”, e particularmente na sua história mítica de nossos ancestrais Ryleanos e do gênio Jones. A história se inicia *in medias res* com pessoas que dominam uma “linguagem Ryleana”, um sistema expressivo sofisticado, incluindo operadores lógicos e condicionais subjuntivos, cujo vocabulário descritivo fundamental pertence a objetos públicos espaço-temporais. Consoante com a explicação Sellarsiana do significado lingüístico como classificação funcional, essa linguagem hipotética Ryleana, embora deficiente de qualquer recurso para falar de episódios internos, pensamentos ou experiências foi enriquecida pelos recursos fundamentais do discurso semântico – habilitando nossos ancestrais a dizer das enunciações de seus pares que elas significam isso ou aquilo, que elas mantêm várias relações lógicas umas com as outras, que elas são verdadeiras ou falsas, e assim por diante. Nesse meio eis que surge o gênio Jones.

*“[Na] tentativa de explicar o fato de que seus colegas se comportam inteligentemente não apenas quando sua conduta é tecida com o fio de episódios verbais públicos... mas também quando nenhuma produção verbal detectável esteja presente,*

*Jones desenvolve uma teoria de acordo com a qual enunciações públicas nada mais são do que a culminação de um processo que se inicia com certos episódios internos...[Seu modelo para esses episódios que iniciam os eventos que culminam no comportamento verbal público é aquele do próprio comportamento verbal público. (EPM, 186)*

Embora o uso primário de termos semânticos continue a ser a caracterização semântica de episódios verbais públicos, essa teoria de Jones transfere a aplicabilidade daquelas categorias semânticas para os episódios internos postulados, i.e., para pensamentos (ocorrentes). O objetivo do mito de Jones é sugerir que o status *epistemológico* de pensamentos (enquanto episódios internos) frente a francos desempenhos verbais públicos é mais utilmente entendido como *análogo* ao status epistemológico de, p.ex., moléculas frente ao comportamento publicamente observável de gases.

*Episódios [de pensamento] estão ‘em’ animais que usam linguagem assim como colisões moleculares estão ‘em’ gases, não como ‘fantasmas’ estão em ‘máquinas’ (EPM, 187)*

Porém, diferentemente de moléculas, que são introduzidas na teoria cinética dos gases como tendo um caráter empírico específico (representado pela legalidade postulada, essencialmente newtoniana de suas interações dinâmicas), os episódios de pensamento, postulados por aquela teoria como estados secretos de pessoas, são introduzidos por uma analogia *puramente funcional*. O conceito de um pensamento que ocorre é aquele de um ator lógico-semântico causalmente mediador, cujo caráter empírico/ontológico determinado, e, desse modo, cujo espaço lógico para alguma forma de “teoria da identidade”, está até agora deixado em aberto.

*[O] fato de que [pensamentos] não são introduzidos como entidades psicológicas não impede a possibilidade de que, num estágio metodológico posterior, eles possam, por assim dizer, “se mostrar” como sendo tais. Assim, há muitos que diriam que já é razoável supor que esses pensamentos devem ser ‘identificados’ com eventos complexos no córtex cerebral... (EPM, 187-8)*

Uma vez que, na explicação de Sellars, o conceito de um pensamento é fundamentalmente o conceito de um tipo funcional, nenhuma tensão ontológica seria gerada pela identificação, na imagem científica, de itens pertencentes àquele tipo funcional com, p.ex., estados e episódios do sistema nervoso central de um organismo. A concepção da imagem manifesta de pessoas como pensadores, conclui Sellars, pode fundir-se gradualmente com a concepção da imagem científica de pessoas como organismos materiais complexos tendo uma estrutura fisiológica e neurológica determinada.

A idéia de que a intencionalidade do mental deve ser entendida em termos de transposições epistemologicamente teoréticas de categorias semânticas da linguagem pública, elas mesmas interpretadas como modos de classificação *funcional*, deu a Sellars um lugar definitivo na filosofia analítica contemporânea da mente. Como diz Dennett,

*Assim nasceu na filosofia da mente o funcionalismo contemporâneo, e as variedades de funcionalismo que temos visto subsequente são de uma forma ou de outra habilitadas, e direta ou indiretamente inspiradas pelo que foi deixado em aberto na proposta inicial de Sellars... (MTE, 341)*

A proposta de Sellars de que podemos iluminar o status epistêmico de conceitos mentais através de um apelo ao contraste entre discursos teóricos e não-teóricos faz sentido somente contra um pano-de-fundo de um outro elemento central de seu pensamento filosófico, sua crítica abrangente do “mito do dado”. A moldura filosófica do dado (*givenness*) assume historicamente muitos disfarces, incluindo não somente a idéia de que conhecimento empírico apóia-se em um fundamento, mas também e de forma crucial a suposição de que a “privacidade” do mental e o “acesso privilegiado” de alguém a seus próprios estados mentais são aspectos fundamentais de experiência, tanto lógica quanto epistemologicamente anteriores a todos os conceitos intersubjetivos pertencentes a episódios internos.

Contrariamente a isso, Sellars argumenta que aquilo que começa no caso de episódios internos como uma linguagem de uso puramente teórico pode adquirir um papel de relato em primeira-pessoa. Pode-se mostrar ser possível treinar pessoas, essencialmente através de um processo de condicionamento operante, a ter “acesso privilegiado” a alguns de seus episódios internos, ou seja, a responder diretamente e não-inferencialmente à ocorrência de um pensamento com outro (meta-) pensamento no sentido de que alguém o está pensando. É uma virtude especial desse aspecto da história jonesiana de Sellars que ela mostre como a intersubjetividade essencial da linguagem pode ser reconciliada com a “intimidade” dos episódios internos, i.e.,

*...que ela nos ajuda a entender que conceitos pertencentes a tais episódios internos como pensamentos são primária e essencialmente intersubjetivos, tão intersubjetivos quanto o conceito de um pósitron, e que o relato desses conceitos [em primeira pessoa]... constitui uma dimensão de [seu] uso... que fundamenta e pressupõe esse status intersubjetivo (EPM, 189)*

No coração do caso geral de Sellars contra o Mito do Dado está seu reconhecimento articulado do caráter irredutivelmente normativo do discurso epistêmico.

*O ponto essencial é que ao caracterizar um episódio um estado como de conhecimento, não estamos dando uma descrição empírica daquele episódio ou estado, estamos colocando-o no espaço lógico de razões, de justificar e de ser capaz de justificar o que se diz (EPM, 169)*

Uma vez admitido que os sentidos por si não apreendem fatos, que todo conhecimento de que algo seja dessa ou daquela forma (toda “subsunção de particulares por universais”) pressupõe aprendizado, formação de conceito, e mesmo representação simbólica, segue-se que “... ao invés de passar a ter um conceito de algo porque notamos esse tipo de coisa, ter a habilidade de notar um tipo de coisa já é ter o conceito daquele tipo de coisa, e não poder explicá-lo” (EPM, 176)

Sellars segue Kant ao rejeitar a imagem cartesiana de um continuum sensório-cognitivo. A “de-dade” (“*of-ness*”) das *sensações* – p.ex., o ser uma sensação *de* um triângulo vermelho ou *de* uma dor aguda e lancinante – ele insiste, não é a “de-dade” (“sobre-dade”) (*aboutness*) intencional de pensamentos. A “*crueza*” dos “sentimentos crus” está antes em seu caráter *não-conceitual*. (cf. IAMB, 376) Conseqüentemente, enquanto suas opiniões *epistemológicas* a respeito de episódios sensórios acompanha seu tratamento da epistemologia de pensamentos ocorrentes, a explicação de Sellars da *ontologia* das sensações diverge dramaticamente de sua explicação funcionalista dos pensamentos.

Num episódio final do mito de Jones, as sensações são introduzidas como elementos de um relato explicativo da ocorrência de cognições perceptivas em várias circunstâncias, tendo determinados conteúdos semânticos.

*...o herói...postula uma classe de episódios internos – teóricos – que ele chama, digamos, impressões, e que são os resultados finais do choque de objetos físicos e processos em várias partes do corpo... (EPM, 191)*

Dessa vez, porém, o modelo para a teoria de Jones não é aquele de famílias funcionalmente individuadas de sentenças, mas, antes, “um domínio de “réplicas internas” que, quando realizadas em condições-padrão, compartilham as características perceptivas de suas fontes físicas” (EPM, 191). A idéia principal desse *modelo* é a ocorrência, ‘nos’ percipientes de “réplicas” *per se*, não de percepções de “réplicas” (que injetaria erroneamente a intencionalidade do pensamento na explicação das impressões), e, embora as entidades desse modelo sejam particulares, as entidades introduzidas pela teoria não são particulares, mas, antes, estados de um sujeito percipiente. Assim, embora falar da “de-dade” das sensações, assim como da “de-dade” de pensamentos, seja, na opinião de Sellars, fundamentalmente classificatório, a classificação em questão é baseada não em uma analogia funcional (lógica, semântica), mas antes em analogias que, embora em um primeiro momento sejam extrínsecas e causais, por fim atribuem às sensações um conteúdo intrínseco determinado. O ponto específico do modelo é insistir que estados, p.ex., de perceber vermelho-triangularmente (*[red triangle]ly*) (para salientar o status da ‘sensação’ como um “nome verbal”), caracteristicamente realizado em percipientes normais em condições-padrão através da ação de objetos triangulares vermelhos sobre os olhos, podem desempenhar suas tarefas explanatórias em relação aos recebimentos perceptivos cognitivos (especialmente juízos perceptuais não-verídicos) apenas se eles são concebidos como se assemelhando ou diferindo de outros estados sensoriais – p.ex., perceber verde-triangularmente, perceber vermelho-quadradamente, etc. – de maneira formalmente análoga àquela pela qual objetos do modelo de “réplica” – p.ex., “bolinhos” vermelhos e triangulares, verdes e triangulares e vermelhos e quadrados – são concebidos como semelhantes e diferentes um do outro.

Se esse fosse o fim da história ontológica de Sellars a respeito de sensações, os problemas já seriam suficientemente complicados. Mas Sellars continua a desenvolver essa consideração central numa variedade de diferentes direções, em consequência das quais sua completa teoria das sensações emerge como sendo um dos aspectos mais difíceis e controversos de sua filosofia.

A primeira complicação da teoria da sensação de Sellars resulta de sua convicção de que, no caso de sensações, a teoria de Jones é *interpretativa*. Ela não introduz novos domínios de entidades, mas antes re-interpreta o status categorial/ontológico de conteúdos sensoriais como estados de percipientes. O ponto crucial da teoria original de Jones é que os próprios quanta de cor (*the very color quanta*) dos quais somos perceptivamente conscientes *como* existindo no espaço são de fato estados de pessoas-enquanto-percipientes. Já no interior da imagem manifesta, então, o status ontológico finalmente conferido aos sensoriais “*qualia de conteúdo*” (*sensory “content qualia”*) é incompatível com sua instanciação no espaço físico.

A segunda complicação da teoria da sensação de Sellars surge da ulterior conclusão de que é esta concepção da imagem manifesta de conteúdos sensoriais como estados de percipientes que deve finalmente ser sinopticamente “fundida” com a imagem científica e que o comprometimento dessa última com a idéia de que aqueles percipientes eles próprios são sistemas complexos de partículas micro-físicas constitui uma barreira para fazer isso de uma

forma direta. Sellars conclui notoriamente que conteúdos sensórios podem ser sinopticamente integrados na imagem científica somente após eles e também os particulares micro-físicos correntemente fundamentais daquela imagem se submeterem ainda a uma outra transposição categorial na direção de uma ontologia categorialmente monística, cujas entidades fundamentais são todas “processos absolutos”. Sensações enquanto processos absolutos seriam então físicos, escreve ele,

*... não somente no sentido fraco de não serem mentais (i.e., conceituais), pois lhes falta intencionalidade, mas no sentido mais rico de terem um papel causal genuíno no comportamento de organismos sensitivos. Eles seriam, como tenho usado os termos, físicos-1, mas não físicos-2. Não sendo epifenômenos, eles se conformariam a uma intuição metafísica básica: ser é fazer uma diferença (CL, 111,126)*

## 5. UMA OBSERVAÇÃO FINAL

Apesar de longa, esta discussão somente começa a capturar o escopo, profundidade e caráter sistemático das realizações filosóficas de Sellars. Muitos dos temas de sua obra simplesmente não foram mencionados – sua antecipação do externalismo epistemológico e sua defesa de uma forte alternativa internalista, sua penetrante análise da predicação e sua alternativa nominalista correlativa à clássica ontologia categorial platonística, sua explicação sofisticada da indução com uma forma de raciocínio prático vindicativo, suas contribuições significativas para a teoria ética e a teoria da ação, suas interpretações magistrais da obra de muitas grandes figuras históricas da disciplina, não como peças acadêmicas de museu, mas sempre como participantes ativos numa contínua conversação filosófica. As bibliografias e fontes na Internet abaixo relacionadas apontarão o caminho tanto para uma mais abrangente quanto mais detalhada consideração da obra dessa figura filosófica gigantesca da era do pós-guerra.

## 6. BIBLIOGRAFIA

### PRINCIPAIS OBRAS DE SELLARS

#### LIVROS

- *Pure Pragmatics and Possible Worlds-The Early Essays of Wilfrid Sellars*, [PPPW], ed. by Jeffrey F. Sicha, (Ridgeview Publishing Co; Atascadero, CA; 1980). [Contém um longo ensaio introdutório por Sicha e uma extensa bibliografia da obra de Sellars até 1979]
- *Science, Perception and Reality*, [SPR], (Routledge & Kegan Paul Ltd; London, and The Humanities Press: New York; 1963) [Reimpresso em 1991 por Ridgeview Publishing Co., Atascadero, CA. Essa edição contém uma bibliografia completa das obras publicadas por Sellars até 1989]
- *Philosophical Perspectives*, [PP], (Charles C. Thomas: Springfield, IL; 1967). Reimpresso em dois volumes, *Philosophical Perspectives: History of Philosophy* and *Philosophical Perspective: Metaphysics and Epistemology*, (Ridgeview Publishing Co.; Atascadero, CA; 1977).
- *Science and Metaphysics: Variations on Kantian Themes*. [S&M], (Routledge & Kegan Paul Ltd; London, and The Humanities Press; New York; 1968). The 1966 John Locke Lectures. [Reimpressa em 1992 por Ridgeview Publishing Co., Atascadero, CA. Essa edição contém uma

bibliografia completa das obras de Sellars publicadas até 1989, um registro da correspondência filosófica de Sellars, e uma lista de papéis e palestras inéditas mas em circulação.]

- *Essays in Philosophy and Its History*, [EPH], (D. Reidel Publishing Co.; Dordrecht, Holland; 1975).
- *Naturalism and Ontology*, [N&O], (Ridgeview Publishing Co.; Atascadero, CA: 1979). [Uma versão expandida das palestras sobre John Dewey de 1974]
- *The Metaphysics of Epistemology, Lectures by Wilfrid Sellars*, edited by Pedro Amaral, (Ridgeview Publishing Co.; Atascadero, CA; 1989 [Contém uma bibliografia completa das obras de Sellars publicadas até 1989])
- *Empiricism and the Philosophy of Mind* [EPM\*], editado por Robert Brandom, (Harvard University Press.; Cambridge, MA; 1997). [A versão original, 1956, de [EPM] (vide infra), sem notas de pé-de-página adicionadas em [SPR], com uma introdução por Richard Rorty e Study Guide por Brandom.]

#### ENSAIOS SELETOS

- [AAE], "Actions and Events", *Noûs* 7, 1973, pp. 179-202.
- [AE], "Abstract Entities", *Review of Metaphysics* 16, 1983; reimpresso em [PP], pp. 229-69.
- [CDCM], "Counterfactuals, Dispositions, and the Causal Modalities", in *Minnesota Studies in the Philosophy of Science*, Vol. II, ed. por H. Feigl, M. Scriven, e G. Maxwell, (University of Minnesota Press; Minneapolis, MN: 1957), pp. 225-308.
- [CL], "Foundations for a Metaphysics of Pure Process", The Carus Lectures for 1977-78, publicado em *The Monist* 64, No. 1, 1981.
- [EAE], "Empiricism and Abstract Entities", in *The Philosophy of Rudolph Carnap*, ed. por P.A. Schilpp (Open Court; LaSalle, IL; 1963); reimpresso em [EPH], pp. 245-86.
- [EPM], "Empiricism and the Philosophy of Mind", in *The Foundations of Science and the Concepts of Psychoanalysis, Minnesota Studies in the Philosophy of Science, Vol. I*, ed. by H. Feigl and M. Scriven (University of Minnesota Press; Minneapolis, MN; 1956); reimpresso em [SPR], pp. 127-96).
- [FD], "Fatalism and Determinism", in Keith Lehrer, ed., *Freedom and Determinism*, (Random House; New York, NY: 1966), pp. 141-74.
- [GEC], "Givenness and Explanatory Coherence", *Journal of Philosophy* 70, 1973, pp. 612-24.
- [I], "...this I or he or it (the thing) which thinks", the 1970 Presidential Address, American Philosophical Association (Eastern Division), reimpresso em [EPH].
- [IAMB], "The Identity Approach to the Mind-Body Problem", *Review of Metaphysics* 18, 1965; reimpresso em [PP], pp. 370-88.
- [IKTE], "The Role of Imagination in Kant's Theory of Experience", The 1977 Dotterer Lecture, in H.W. Johnstone, Jr., ed., *Categories: A Colloquium*, (Pennsylvania State University Press: 1977), pp. 231-45.
- [IV], "Induction as Vindication", *Philosophy of Science* 31, 1964; reimpresso em [EPH], pp. 367-416.
- [ISRT], "Is Scientific Realism Tenable", *Proceedings of the PSA*, Volume 2, 1976, pp. 307-34.
- [KTE], "Some Remarks on Kant's Theory of Experience", *Journal of Philosophy* 64, 1967, pp. 633-47.

- [LT], "The Language of Theories", in *Current Issues in the Philosophy Science*, ed. by H. Feigl and G. Maxwell (Henry Holt, Rhinehart and Winston; New York, NY; 1961); reimpresso em [SPR], pp. 106-26.
- [LTC], "Language as Thought and Communication", *Philosophy and Phenomenological Research* 29. 1969; reimpresso em [EPH], pp. 93-117.
- [MFC], "Meaning as Functional Classification", *Synthese* 27, 1974; pp. 417-37. (O fascículo também contém comentários por Daniel Dennett e Hilary Putnam e respostas de Sellar.)
- [MEV], "Mental Events", *Philosophical Studies* 81, 1981; pp. 325-45.
- [MGEC], "More on Givenness and Explanatory Coherence", in George S. Pappas, ed., *Justification and Knowledge*, (D. Reidel Publishing Co.; Dordrecht, Holland: 1979), pp. 169-82.
- [NDL], "Are There Non-Deductive Logics?", in N. Rescher *et al*, eds., *Essays in Honor of Carl G. Hempel*, Synthese Library, (D. Reidel Publishing Co.; Dordrecht, Holland: 1970), pp. 83-103.
- [OAFP], "On Accepting First Principles", in J. Tomberlin, ed., *Philosophical Perspectives 2: Epistemology, 1988*, (Ridgeview Publishing Co.; Atascadero, CA: 1988), pp. 301-14.
- [P], "Phenomenalism", in [SPR], pp. 60-105.
- [PSIM], "Philosophy and the Scientific Image of Man", in *Frontiers of Science and Philosophy*, ed. by Robert Colodny (University of Pittsburgh Press; Pittsburgh, PA; 1962); reimpresso em [SPR], pp. 1-40.
- [SK], "The Structure of Knowledge", The Matchette Foundation Lectures for 1971, published in Castañeda, ed., *Action, Knowledge, and Reality* (ver abaixo).
- [SSMB], "A Semantical Solution of the Mind-Body Problem", *Methodos* 5, 1953, pp. 45-82. Reimpresso em [PPPW].
- [TA], "Thought and Action", in Keith Lehrer, ed., *Freedom and Determinism*, (Random House; New York, NY: 1966), pp. 105-39.
- [TWO], "Time and the World Order", in *Minnesota Studies in the Philosophy of Science*, Vol. III, ed. by H. Feigl and G. Maxwell, (University of Minnesota Press; Minneapolis, MN: 1962), pp. 527-616.

## BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

### ESTUDOS CRÍTICOS PRINCIPAIS

- Castañeda, H-N., ed. *Action, Knowledge, and Reality* [AK&R] (Bobbs-Merrill; Indianapolis, IN; 1975). [Contém também uma extensa bibliografia da obra de Sellars até 1974, autobiografia intelectual de Sellar, e 'The Structure of Knowledge' (ver acima).]
- deVries, Willem A., and Timm Triplett, *Knowledge, Mind, and the Given: Reading Wilfrid Sellars' "Empiricism and the Philosophy of Mind"*, (Hackett Publishing Co.; Indianapolis, IN & Cambridge, MA; 2000). [Um comentário detalhado sobre [EPM] (ver acima), incluindo o texto completo como publicado com notas de pé-de-página adicionais em [SPR], 1963. A melhor introdução geral ao ensaio clássico de Sellars.]
- Delaney, C.F., Michael J. Loux, Gary Gutting, and W. David Solomon, *The Synoptic Vision: Essays on the Philosophy of Wilfrid Sellars* (University of Notre Dame Press; Notre Dame. IN; 1977). [Contém também uma bibliografia extensa.]
- Pitt, Joseph C., ed., *The Philosophy of Wilfrid Sellars: Queries and Extensions* [PSQE] (D. Reidel Publishing Co; Dordrecht, Holland; 1978). [Procedimentos revistos de um workshop na

Filosofia de Wilfrid Sellars ocorrido no Virginia Polytechnic Institute e State University em Blacksburg, VA, em novembro 1976.]

- Pitt, Joseph C., *Pictures, Images, and Conceptual Change: An Analysis of Wilfrid Sellars' Philosophy of Science* (D. Reidel Publishing Co.; Dordrecht, Holland; 1981).
- Seibt, Johanna, *Properties as Processes, A Synoptic Study of Wilfrid Sellars' Nominalism*", (Ridgeview Publishing Co.; Atascadero, CA; 1990).
- *Noûs*, Vol. 7, No. 2, 1973. [Fascículo especial sobre a filosofia de Sellars.]
- *The Monist*, Vol. 65, No. 3, 1982. [Fascículo sobre a filosofia de Sellars.]
- *Philosophical Studies*, Vol. 54, No. 2, 1988. [Procedimentos revistos do colóqui sobre a Filosofia de Sellars ocorrido em outubro de 1987 no University of Pittsburgh's Center for Philosophy of Science.]
- *Philosophical Studies*, Vol. 101, Nos. 2-3, 2000. [Special fascículo sobre a filosofia de Sellars.]

#### BIBLIOGRAFIA SUPLEMENTAR

- **Alanen, L.**, "Thought-Talk: Descartes and Sellars on Intentionality", *American Philosophical Quarterly*, 29, 1992, pp. 19-34.
- **Aune, Bruce**, "Sellars' Two Images of the World", *Journal of Philosophy*, 87, 1990, pp. 537-45.
- **Bernstein, Richard J.**, "Sellars' Vision of Man-in-the-Universe", *Review of Metaphysics*, 20, 1965-66, pp. 290-316.
- **Brandon, Robert**, *Making It Explicit*, (Harvard University Press; Cambridge, MA; 1995).
- \_\_\_\_\_, "Study Guide", in EPM\* (ver acima).
- \_\_\_\_\_, *Articulating Reasons: An Introduction to Inferentialism*, (Harvard University Press; Cambridge, MA; 2000).
- **Clark, Romane**, "Sensibility and Understanding: The Given of Wilfrid Sellars", *The Monist*, 65, 1982, 350-64.
- **Cornman, James**, "Sellars, Scientific Realism, and Sensa", *Review of Metaphysics*, 23, 1969-70, pp. 417-51.
- \_\_\_\_\_, "Sellars on Scientific Realism and Perceiving", in *Proceedings of the PSA*, Volume 2, ed. by F. Suppe and P.D. Asquith, 1976, pp. 344-58.
- **Dennett, Daniel C.**, [MTE], "Mid-Term Examination: Compare and Contrast", in *The Intentional Stance* (Bradford Books, The MIT Press; Cambridge, MA; 1987), pp. 339-50.
- **Echelbarger, Charles**, "Sellars on Thinking and the Myth of the Given", *Philosophical Studies* 25, 1974, pp. 231-46.
- \_\_\_\_\_, "An Alleged Legend", *Philosophical Studies*, 39, 1981, pp. 227-46.
- **Garfield, Jay**, "The Myth of Jones and the Mirror of Nature: Reflections on Introspection", *Philosophy and Phenomenological Research*, 50, 1989, pp. 1-23.
- **Geiger, L.**, *Die Logik der seelischen Ereignisse. Zu Theorien von L. Wittgenstein und W. Sellars*, (Suhrkamp Verlag; Frankfurt/M: 1969).
- **Habermas, Juergen**, "Sprachspiel, Intention und Bedeutung. Zu Motiven bei Sellars und Wittgenstein", in Wiggerhaus, R., (ed.), *Sprachanalyse und Soziologie. Die sozialwissenschaftliche Relevanz von Wittgensteins Sprachphilosophie*, (Suhrkamp Verlag; Frankfurt/M: 1975), pp. 319-40.
- **Harman, Gilbert H.**, "Sellars' Semantics", *The Philosophical Review* 79, 1970, pp. 404-19.

- **Hooker, C.A.**, "Sellars' Argument for the Inevitability of the Secondary Qualities", *Philosophical Studies* 32, 1977, pp. 335-48.
- **Koch, Anton F.**, *Vernunft und Sinnlichkeit im praktischen Denken. Eine sprachbehavioristische Rekonstruktion Kantischer Theoreme gegen Sellars*, (Verlag Königshausen + Neumann; Würzburg: 1980).
- **Kurthen, M.**, "Qualia, Sensa und Absolute Prozesse. Zu W. Sellars' Kritik des psychocerebalen Reduktionismus", *Journal for General Philosophy of Science (Zeitschrift für Allgemeine Wissenschaftstheorie)*, 21, 1990, 25-41.
- **Marras, Antonio**, "Sellars on Thought and Language", *Noûs* 7, 1973, pp. 152-63.
- \_\_\_\_\_, "On Sellars' Linguistic Theory of Conceptual Activity", *Canadian Journal of Philosophy*, 2, 1973, pp. 471-83.
- \_\_\_\_\_, "Reply to Sellars", *Canadian Journal of Philosophy*, 2, 1973, pp. 495-501.
- \_\_\_\_\_, "Sellars' Behaviourism: A Reply to Fred Wilson", *Philosophical Studies*, 30, 1976, pp. 413-18.
- **McDowell, John**, *Mind and World*, (Harvard University Press; Cambridge, MA; 1994).
- \_\_\_\_\_, "Having the World in View: Sellars, Kant, and Intentionality", *Journal of Philosophy*, 95, 1998, pp. 431-91.
- **McGilvray, J.A.**, "Pure Process(es)?", *Philosophical Studies* 43, 1983, pp. 243-51.
- **Meyers, R.G.**, "Sellars' Rejection of Foundations", *Philosophical Studies*, 39, 1981, pp. 61-78.
- **Pohlenz, G.**, "Phänomenale Realität und naturalistische Philosophie. Eine systematische Widerlegung der Feigl'schen und Sellars'schen Theorien phänomenaler Qualitäten und Skizze einer alternativen Theorie", *Zeitschrift für philosophische Forschung*, 44, 1990, 106-42.
- **Richardson, R.C. and Muilenburg, G.**, "Sellars and Sense Impressions", *Erkenntnis*, 17, 1982, pp. 171-211.
- **Rosenberg, Jay F.**, "The Elusiveness of Categories, the Archimedean Dilemma, and the Nature of Man", in Castañeda, ed., [AK&R](ver acima), pp. 147-84.
- \_\_\_\_\_, "Linguistic Roles and Proper Names", in Pitt, [PSQE] (ver acima), pp. 189-216.
- \_\_\_\_\_, "The Place of Color in the Scheme of Things: A Roadmap to Sellars' Carus Lectures", *The Monist*, 65, 3, 1982, pp. 315-35.
- \_\_\_\_\_, "Wilfrid Sellars' Philosophy of Mind" in *Contemporary Philosophy, 4: Philosophy of Mind*, ed. by Guttorm Floistad, (Martinus Nijhoff Publishers; 1983), pp. 417-39.
- \_\_\_\_\_, [FI] "Fusing the Images: Nachruf for Wilfrid Sellars", *Journal for General Philosophy of Science (Zeitschrift für allgemeine Wissenschaftstheorie)*, Vol. XXI, No. 1, 1990, pp. 3-25.
- \_\_\_\_\_, "Response to Aune, "Sellars' Two Images of the World"" (Abstract), *The Journal of Philosophy*, Vol. 87, No. 10, October, 1990, pp. 546-7.
- \_\_\_\_\_, "Wilfrid Sellars und die Theorie-Theorie", *Deutsche Zeitschrift für Philosophie*, 48, 2000, pp. 639-655.
- \_\_\_\_\_, "Sellars, Wilfrid Stalker", entry in *A Companion to Analytic Philosophy*, A. Martinich & D. Sosa, eds., (Blackwell Publishing Ltd; Oxford: 2001), pp. 239-53.
- **Rottschaefel, W.A.**, "Verbal Behaviorism and Theoretical Mentalism: An Assessment of the Marras-Sellars Dialogue", *Philosophical Research Archives*, 9, 1983, pp. 511-33.
- **Seibt, Johanna**, "Analysis without synopsis must be blind. Obituary for W. Sellars", *Erkenntnis*, 33, 1990, pp. 5-8.

- \_\_\_\_\_, "Wilfrid Sellars' systematischer Nominalismus", *Information Philosophie*, 3, 1995, pp. 22-6.
- **Sicha, Jeffrey**, *The Metaphysics of Elementary Mathematics*, (University of Massachusetts Press; Amherst, MA: 1974).
- **Smart, J.J.C.**, "Sellars on Process", *The Monist* 65, 1982, pp. 302-14.
- **Sosa, Ernest**, "Mythology of the Given", *History of Philosophy Quarterly*, 14, 1997, pp. 275-87.
- **Tye, Michael**, "The Adverbial Theory: A Defense of Sellars against Jackson", *Metaphilosophy*, 6, 1975, pp. 136-43.
- **van Fraassen, Bas C.**, "Wilfrid Sellars on Scientific Realism", *Dialogue* 14, 1975, pp. 606-16.
- \_\_\_\_\_, "On the Radical Incompleteness of the Manifest Image", *Proceedings of the PSA*, Volume 2, ed. by F. Suppe and P.D. Asquith, 1976, pp. 335-43.
- **Vinci, T.**, "Sellars and the Adverbial Theory of Sensation", *Canadian Journal of Philosophy*, 11, 1981, pp. 199-217.
- **Wilson, Fred**, "Marras on Sellars on Thought and Language", *Philosophical Studies*, 28, 1975, pp. 91-102.
- **Woods, M.**, "Sellars on Kantian Intuitions", *Philosophy and Phenomenological Research*, 44, 1984, pp. 413-18.
- **Wright, E.L.**, "A Defense of Sellars", *Philosophy and Phenomenological Research*, 46, 1985, pp. 73-90.